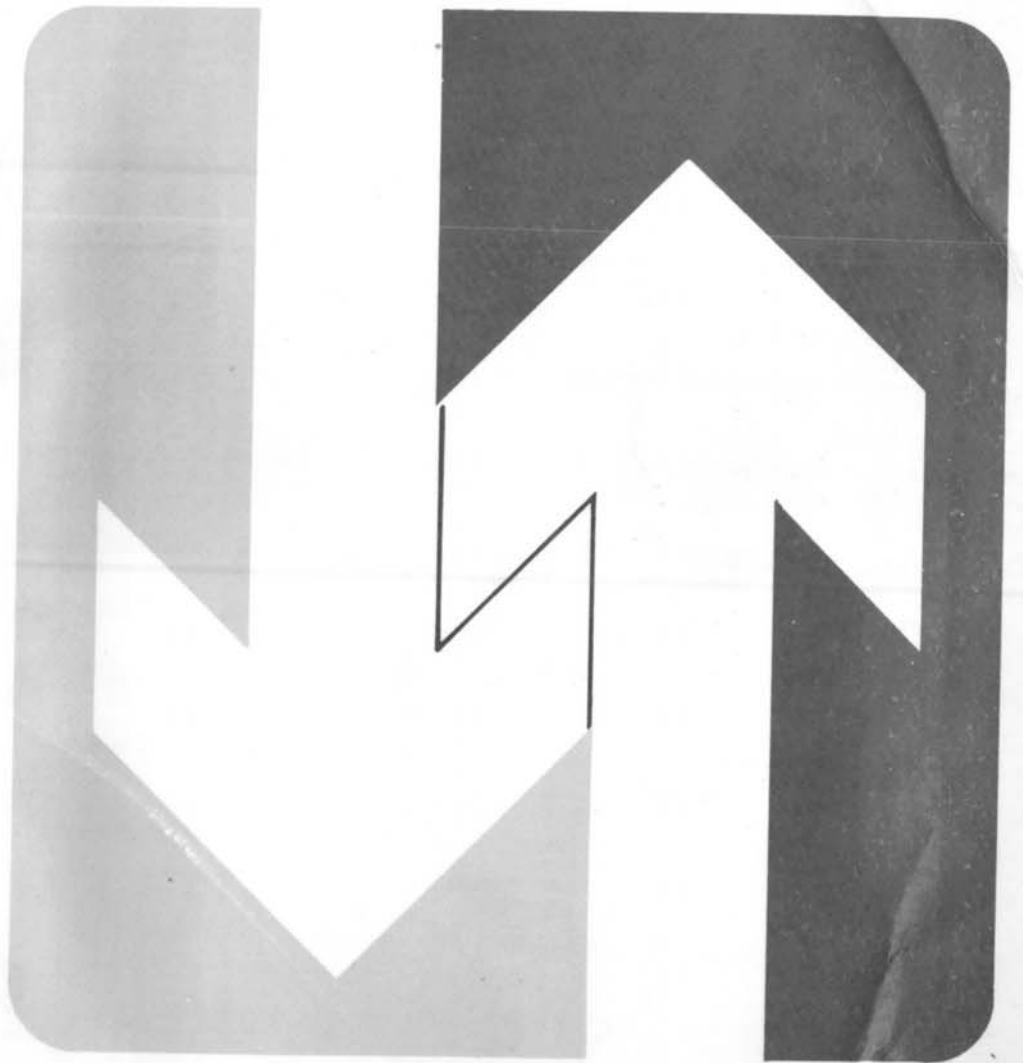


ANAIIS



3º CONGRESSO
BRASILEIRO DE ARQUIVOLOGIA
ASSOCIAÇÃO DOS ARQUIVISTAS BRASILEIROS

02

Maria Luiza Barreto
Marcia Moses Lassance

Introdução

Entende-se por História Oral uma técnica auxiliar para o levantamento sistemático de informações relevantes para a pesquisa e interpretação históricas, através de depoimentos gravados de indivíduos selecionados em função de sua atuação política.

O caráter auxiliar da História Oral se explica:

1. Pela existência de outras fontes de informações, como jornais, estudos, biografias, arquivos públicos e particulares, etc., via de regra mais ricas em informações;
2. Pela visão *parcial* dos entrevistados ao avaliarem sua participação em episódios já distantes no tempo;
3. Pela *subjetividade* do próprio entrevistado em relação às suas posições e sua importância nos eventos estudados;
4. Pela interferência dos pesquisadores-entrevistadores na delimitação das pessoas e temas que constituirão o objetivo da pesquisa.

Em virtude de tudo isso, concebe-se a História Oral como uma técnica auxiliar da pesquisa histórica. No entanto, ela apresenta diversos aspectos que a tornam de importância singular, e que justificam a sua utilização cada vez maior nas pesquisas de História Contemporânea.

Em primeiro lugar, podem ser levantadas através dela informações sobre eventos não registrados em outras fontes, quer pela forma pouco elucidativa como se apresentaram na época, quer pelo fato de envolver um número limitado de atores históricos. É claro que nem todos esses eventos serão de relevância para a análise dos temas estudados; no entanto, a exemplo da utilização de documentos particulares, a História Oral pode recuperar acontecimentos e julgamentos importantes ou lhes dar sentidos que o registro em outras fontes não dá ou não pôde dar.

No tocante às entrevistas com líderes ou ex-líderes de governos, partidos, movimentos e associações, o depoimento pessoal fornece quase que necessariamente subsídios para a análise e entendimento de ideologias de poder. Ou seja, o depoimento faz surgir concepções e justificativas a respeito das disputas pelo controle do governo ou da direção de organizações, nem sempre expressas no momento em que essas disputas se deram.

Além disso, a História Oral é talvez a melhor técnica para levantar sistematicamente as várias versões conflitantes que existem sobre acontecimentos ou conjunturas relevantes, previamente selecionados pelo pesquisador-entrevistador.

Elucidado o valor das entrevistas, as fitas gravadas receberão um tratamento a nível de documento, razão pela qual torna-se de suma relevância a organização de arquivos que preservem essa documentação e atendam de maneira rápida e objetiva às necessidades dos pesquisadores que deles se utilizarem.

Não nos cabe, devido ao caráter e objetivo deste trabalho, entrar em detalhes sobre as técnicas específicas de pesquisa e preparação das entrevistas. Por essa razão, devemos nos ater apenas ao processo de arquivamento de um material dado, encarado como documento. É porém necessário dizer que esse material é o resultado de um trabalho anterior, que se apresenta objetivado na própria entrevista.

O C.M.S.B., tomando contato com a História Oral, encontra-se em fase de elaboração de suas diretrizes básicas, levantando perguntas e tentando achar as melhores respostas para os diversos problemas técnicos que, naturalmente, se apresentam em se tratando de uma a técnica ainda em estudos.

Sendo a História Oral uma técnica relativamente nova, e ainda tomando corpo, a equipe do C.M.S.B., encontra-se à disposição de todos aqueles que se interessarem pelo assunto, para debates e troca de informações, baseando-se na sua experiência. Entendemos ser essa a melhor maneira de se desenvolver uma idéia, encontrando-se padronizações e regras gerais, de maneira a tornar a História Oral uma técnica uniformizada nas suas linhas gerais, em proveito daqueles que a utilizarão futuramente como subsídio de pesquisa. Portanto, consideramos esse trabalho uma nota prévia resultante de um processo de implantação ainda em curso.

1. Metodologia e Fluxo de Trabalho

Consideramos de suma importância colocar no presente trabalho, a noção fundamental de que aqueles que fazem História Oral estão criando o documento.

A entrevista apresentará bons resultados, na medida em que a sua preparação tenha sido abrangente e objetiva.

O DHO está em processo de elaboração e desenvolvimento de sua metodologia para a História Oral.

Até o presente momento, delimitamos etapas de trabalho, que serão abordadas a grosso modo, visando unicamente levar à compreensão das técnicas de arquivo por nós adotadas.

Cabe assinalar, que o Arquivo de História Oral é integrado aos arquivos do C.M.S.B., que procura desta maneira centralizar todos os tipos de documentação sobre os diversos assuntos num único sistema (documentos, fitas e fotografias).

1.1 Pesquisa prévia: A pesquisa prévia consiste no primeiro contato que a equipe de História Oral terá com o material de estudo sobre o tema escolhido, que se encontra disponível. Ela pressupõe, antes de mais nada, um

conhecimento amplo da História Contemporânea do Brasil, a fim de que se possa ter uma noção do fato em termos de uma determinada conjuntura histórica. Esse estudo objetiva ampliar a visão do pesquisador-entrevistador, pois somente com o conhecimento do cenário histórico geral poderá ele avaliar os pontos que necessitariam de uma pesquisa mais aprofundada e nos quais poderia ser aproveitada a técnica de História Oral.

1.2 – *Pesquisa específica*: A pesquisa específica é constituída de debate e confronto de todo material recolhido pelos pesquisadores-entrevistadores na etapa de pesquisa prévia. O debate e a troca de conhecimentos adquiridos visam à avaliação das relações de forças políticas, sociais e econômicas vigentes no momento histórico estudado. A obtenção do conhecimento de todos os aspectos do objeto levará à delimitação dos acontecimentos mais importantes dentro do contexto pesquisado. Assim a equipe do DHO chegará a conclusões a respeito daquilo que seria relevante historicamente dentro das proposições da História Oral. A partir da extração dos acontecimentos de importância histórica a pesquisa será encaminhada para a própria caracterização da História Oral, ou seja, recolher depoimentos esclarecedores sobre o que se quer estudar.

1.3 – *Elaboração da entrevista*: Consiste no trabalho realizado com base no material pesquisado e no contato estabelecido com o entrevistador. Nesta etapa serão traçados os rumos que deverá seguir a entrevista.

1.4 – *Entrevista*: É a objetivação de todo o trabalho anterior visando à obtenção do documento, ou seja, a fita gravada contendo informações relevantes.

1.5 – *Transcrição e processo de autenticação*: A História Oral, diferentemente das entrevistas comuns, propõe-se a dar ao depoimento um caráter de documento. Desta maneira, realiza-se a transcrição da entrevista, que será datilografada em um original e uma cópia. O original deve ser autenticado pelo entrevistado, ficando uma cópia para seu controle pessoal. Os pesquisadores utilizarão o microfilme do documento autenticado.

2. Análise e Arquivamento do Documento

Considerando-se a entrevista como um documento, a partir do momento em que passa por um processo de autenticação, deparamo-nos com dois tipos de arquivo: o arquivo de fitas e o arquivo de transcrição. O processo de arquivamento utilizado, deve, em primeiro lugar, ligar um arquivo a outro, uma vez que devem encontrar-se separados por questões de metodologia histórica. Isso quer dizer que, se não fosse necessária a autenticação da entrevista, possibilitada somente com a assinatura do entrevistado na transcrição, uma vez que não há meios de se provar objetivamente numa gravação a pessoa que está falando, teríamos apenas o arquivo de fitas. Além disso, elaboramos o arquivo de microfilmes, que visa a preservação da transcrição.

2.1 Os arquivos

2.1.1 Arquivo de Fitas: Atendendo à necessidade de ordem prática, todos os depoimentos serão gravados em fitas cassete. Por essa razão, o arquivo de fitas será desdobrado em três:

- Arquivo de cassete original (HO/or), que será constituído pelas fitas em que o depoimento foi gravado originalmente. As fitas não serão manuseadas, pois objetivam à preservação do depoimento primeiro.
- Arquivo de cassete para pesquisa (HO/psq), que será constituído pelas cópias em fita cassete das gravações originais, objetivando à prática utilização por parte dos pesquisadores.
- Arquivo de rolo (HO/r): constituído pelas cópias das gravações originais em fita de rolo, objetivando sua preservação a longo prazo. Este arquivo só será utilizado no caso de se perder uma cópia cassete, sendo utilizado, mesmo neste caso, somente para a gravação de uma nova cópia. Tão logo se dê entrada a um cassete original no DHO, este deve receber a numeração do arquivo original (HO/or); ser copiado em uma outra fita cassete, objetivando o uso por pesquisadores, recebendo o mesmo número da fita original; ser copiado em fita de rolo recebendo o número do arquivo de rolo (HO/r). (Ver anexo nº 1.) Para evitar um grande número de dados numa ficha, os arquivos HO/or e HO/psq, cujas fitas correspondentes devem levar o mesmo número, serão designadas nas fitas como CASSETE, tornando mais fácil a utilização dos usuários. As designações HO/psq serão utilizadas para controle interno do departamento.

2.1.2 Arquivo de transcrições: As transcrições serão arquivadas em pastas de papelão com orelhas, ordenadas pela ordem cronológica da realização das entrevistas. Do lado direito da pasta, deve aparecer a numeração dada pelo código de História Oral (HO), que corresponde ao número de entrada de uma entrevista. Do lado esquerdo aparecerão as indicações de: nome do entrevistado, as duas localizações do depoimento nos arquivos de fitas, a numeração do arquivo de microfilmes, e a data do depoimento.

2.1.3 Arquivo de Microfilmes: Feito o levantamento do arquivo oral e dado tratamento técnico à transcrição, esta será preparada para a microfilmagem. O serviço de microfilmes tem o objetivo de desenvolver as atividades técnicas e de informações dinamizadas, quais sejam:

- microfilmar os depoimentos orais transcritos.
- manter arquivos de microfilmes para fins de leitura, duplicação e segurança, utilizando as formas de arquivamento adequados aos documentos do DHO.
- Manter à disposição dos usuários aparelhos de leitura de microfilmes e cópias instantâneas para fins de consulta e duplicação.
- fornecer ao usuário cópias em papel dos depoimentos obtidos pelos sistemas fotográficos tradicional e instantâneo.

O DHO não tem como interesse precípua guardar documentos em espécie, mas sim a avaliação de seu interesse histórico para tratamento adequado de sua identificação e microfilmagem, que será a garantia da melhor duração desses documentos, tendo em vista que seu exame doravante se fará em microfimes, ficando o original preservado, resguardado contra a ação do tempo, extravio, perda ou fruto.

2.1.4 Arquivos de fichas: O DHO recolherá os dados preliminares do documento, ou seja, as numerações dadas pelos três arquivos. Os pesquisadores realizarão o trabalho de levantamento dos principais tópicos encontrados no texto. Esses dados serão enviados aos documentalistas, que os transformarão em palavras-chave, dando início ao trabalho de fichamento propriamente dito.

O processo de arquivamento e análise da documentação oral do DHO será realizado a partir da integração da equipe de transcritores, analistas e documentalistas do C.M.S.B. O DHO recolherá os dados preliminares no documento e os enviará aos documentalistas. Esses realizarão o trabalho de levantamento dos principais tópicos encontrados no texto e de posse destes, efetuarão o trabalho propriamente dito de fichamento, que será detalhado no próximo item.

O catálogo do DHO será composto de 4 tipos de catálogo: o topográfico, o de autoridade ou identidade, o de autor e o de unitermo, com o objetivo de facilitar o controle do Departamento e o manuseio dos usuários.

a. *A ficha de autor* tem como entrada o nome do entrevistado, seguido do título da entrevista. Todos os dados que ela contém, como o número da pasta onde se encontra a transcrição, o número da fita onde a entrevista foi gravada e a sua data, serão fornecidos aos documentalistas pelos transcritores do DHO.

b. *As fichas topográficas* são iguais às fichas de autor, sendo porém acrescentada ao seu conteúdo uma pista contendo as palavras mais importantes (palavras-chave) encontradas no documento oral. A equipe de bibliotecárias do CMSB, para tal, transformará os dados recebidos da Equipe de HO (tópicos de relevância) em palavras-chave, tendo como base realizar tal trabalho o Thesaurus de História Contemporânea Brasileira, por ela elaborado. O Thesaurus relaciona, em uma única ordem alfabética, todos os descritores adotados e suas remissivas. O descritor é formado por um termo ou mais, e serve para descrever determinado assunto que aparece em documentos. Cada descritor pode vir acompanhado de uma nota de escopo (ver AEROPORTO), referências (indicadas por exemplo no descritor AVIÃO) ou remissiva (conforme o descritor agropecuária).

Desta forma, a ficha topográfica servirá, para o seu usuário, como um resumo dos pontos principais do documento que deseja consultar, facilitando assim a sua pesquisa, pois terá a possibilidade de saber se o conteúdo da entrevista é de seu interesse ou não.

c. *A ficha de unitermo* tem a finalidade de reunir em uma só ficha, de um mesmo assunto, todos os documentos pertinentes. Assim, pela sua consulta, se poderá saber quais as entrevistas que existem no DHO sobre um tema específico. O título do assunto corresponderá às palavras-chave encontradas nas fichas topográficas, havendo portanto uma ficha de unitermo para cada palavra-chave diferente compiladas em todas as fichas topográficas.

d. *A ficha de autoridade ou identidade.* A ficha de autoridade visa fornecer à equipe de trabalho as entradas adotadas e informações pertinentes ao entrevistado.

Quando for possível serão colocadas nas fichas as datas de nascimento e morte após a entrada. No verbete, os dados, ordenados cronologicamente, devem ser sucintos, limitando-se a funções, postos ou cargos políticos de importância.

PERGUNTAS À SRA. MARIA LUIZA BARRETO

1) *Auta Barreto (Academia Nacional de Medicina)*: Quais os critérios para serem efetuadas as entrevistas? Há um plano seqüencial previamente estabelecido? No caso de haver, é a História Oral política, científica, artística etc.?

R.: Nós temos por exemplo: entrevista de Di Cavalcanti em que ele fala da semana da Arte Moderna de 1922. Isto é um aspecto artístico da História, não é? Os critérios devem partir das pesquisas feitas anteriormente. Como já disse, há um problema metodológico porque isso se torna de certa forma subjetivo. O pesquisador está interferindo na escolha daquele que vai entrevistar.

É bom que haja um roteiro previamente traçado; entretanto muitas vezes a entrevista não o segue pois não podemos prever o rumo que ela tomará.

O que há sempre é um roteiro preestabelecido das pessoas que queremos entrevistar quando focalizamos um determinado fato.

2) *Gladston Holanda (Digibrás – RJ)*: Ouvir pessoas ligadas ao entrevistado é importante historicamente? Em caso de omissão ou falta de clareza detectada ao se entrevistar essas pessoas, voltaria o Centro ao entrevistado para esclarecimentos?

R.: Isso é um fato que todo entrevistador deve ter em mente. Ele vai lidar com uma pessoa e não com um jornal ou com um documento. O que fazemos é o seguinte: Em primeiro lugar um contato pessoal com o entrevistado no qual o entrevistador avalia o que será possível tirar dele, pois não se pode obrigar uma pessoa a falar. Dessa avaliação poder-se-á saber se os fatos são verdadeiros (e para isto o entrevistador terá que ter conhecimento do fato narrado) ou se há mentiras.

No caso de omissões pode-se e deve-se marcar nova entrevista.

Em termos de entrevista como investigação sistemática não creio que possa haver *um* tipo de entrevista, ainda mais em se tratando de líderes políticos. Cada um é uma pessoa e o contato prévio é justamente para se saber que técnica usar ao entrevistar para obter os melhores resultados *com aquela* pessoa.

3) *Ismênia Martins (UFF)*: A apresentadora do trabalho destacou logo de início que o entrevistado era selecionado por sua atuação política. Como a autora mencionou, História Oral é uma técnica pouco divulgada.

A Universidade Federal Fluminense em colaboração com o Centro de Pesquisa Histórica de Petrópolis está desenvolvendo um projeto de História Econômica (História da Industrialização de Petrópolis) no qual os depoentes selecionados, operários e empresários não tiveram ou não têm qualquer atuação política.

Queira esclarecer ao plenário portanto que tal requisito não é obrigatório para a seleção de entrevistados.

R.: Perfeito. Nesse sentido é lógico que a História Oral não se limitaria a líderes ou a ex-líderes políticos. Por enquanto os trabalhos do Centro são dirigidos para os livros do Prof. Hélio Silva que são em grande parte de História Política.

4) *Haidée M. Pugliesi*: Queremos de público manifestar nosso entusiasmo pela experiência realizada pelo Centro de Memória Social Brasileira. Sua atividade é realmente válida e necessária pelos fins específicos que envolve. Pedimos, entretanto, licença para discordar da denominação História Oral dando preferência a Depoimentos orais para a História. A razão para isso é de ordem metodológica.

Os depoimentos registrados são fontes a que se devem anexar outras de natureza diversa, bem como bibliografia. Considerando ainda que História é passado, essa documentação do presente serve inicialmente a outras ciências sociais — lingüística, economia, sociologia, etc. — constituindo-se num “vir a ser” história.

R.: Nós podemos dizer que História é passado mas nós vivemos a história também. De outra forma não teria sentido fazer-se História Contemporânea. Quanto à denominação História Oral foi praticamente herdada. O Brasil não é o primeiro país a fazer História Oral. Ela está bastante difundida nos Estados Unidos e no México. Alguns elementos do Centro de Memória Social Brasileira tiveram oportunidade de fazer um curso na Fundação Getúlio Vargas com professores vindos desses países. Eles denominam História Oral como História Oral justamente porque esses depoimentos definem os seus objetivos para a História.

5) *Haidée M. Pugliesi*: Como obter o Thesaurus de História Contemporânea Brasileira?

R.: Deixe-nos o seu endereço para que o Thesaurus lhe seja enviado.

6) *Pedro Tórtima*: Não preferiria chamar a História Oral de depoimento oral? Aliás o seu caráter auxiliar, como você mesma definiu, tira-lhe a possibilidade de uma classificação mais rigorosa, qual seja defini-la como História.

R.: Definimos a História Oral como História a partir do momento em que ela pode ser considerada como um documento. O chamá-la História Oral define esse caráter de investigação sistemática. Depoimento oral nós podemos ter sobre todos os assuntos.

Assim penso que defini-la como História Oral é definir o objetivo dessa técnica.

7) *Maria Angela Reis*: Qual a formação dos atuais entrevistadores do D.H.O.?

R.: No momento todas as entrevistas são realizadas pelo historiador Hélio Silva que é o diretor do Centro e por sua auxiliar a Dra. Maria Cecília Ribas Carneiro. Como isso é um projeto em andamento e como a tendência da História Oral é ampliar-se, também deverá crescer o número de entrevistadores que, do nosso ponto de vista, deverão ser graduados ou em Sociologia ou em História.

8) *Celina Moreira Franco*: Quais as entrevistas disponíveis à consulta e quais as condições de consulta para pesquisadores de outras instituições?

R.: Nós temos todas as entrevistas feitas já transcritas e qualquer pesquisador poderá se utilizar delas. Eu não saberia dizer de cor os nomes de todos os entrevistados mas eu poderia enviar a você uma lista completa caso lhe interesse. Citando algumas: Juscelino Kubitschek e outras importantes.